

ATA DA 004ª SESSÃO ESPECIAL DA
2ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 18ª LEGISLATURA
REALIZADA EM 23 DE FEVEREIRO DE 2016, EM
COMEMORAÇÃO À CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2016
PRESIDÊNCIA DO SENHOR DEPUTADO GELSON MERISIO

O SR. PRESIDENTE (Deputado Gelson Merisio) -
Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a
presente sessão especial.

Convido para compor a mesa
as excelentíssimas autoridades que serão nominadas
a seguir:

Excelentíssimo senhor deputado estadual Padre
Pedro Baldissera, segundo-secretário desta Casa;

(Palmas)

Excelentíssimo reverendíssimo presidente da
Conferência Nacional dos Bispos do Brasil -
Regional Sul 4 de Santa Catarina - e bispo da
Diocese de Tubarão, dom João Francisco Salm;

(Palmas)

Excelentíssimo reverendíssimo arcebispo
metropolitano de Florianópolis, dom Wilson Tadeu
Jönck;

(Palmas)

Reverendo pastor presidente do Cier e pastor
sinodal do Sínodo Norte Catarinense, Inácio Lemke,
neste ato representando o Conselho de Igrejas para
Estudo e Reflexão;

(Palmas)

Excelentíssima senhora prefeita municipal de
São Cristovão do Sul e presidente da Federação
Catarinense dos Municípios - Fecam -, Sisi Blind;

(Palmas)

Senhor professor Daniel José da Silva, neste
ato representando a Universidade Federal de Santa
Catarina.

(Palmas)

Excelentíssimas autoridades, senhoras e
senhores, a presente sessão alusiva à Campanha da
Fraternidade Ecumênica 2016, com o tema: Casa
Comum, nossa Responsabilidade, e com o lema: Quero
Ver o Direito de Brotar como Fonte e Correr a
Justiça qual Riacho que não Seca, foi convocada

por proposição do segundo-secretário desta Casa, deputado Padre Pedro Baldissera, e aprovada por unanimidade pelos demais parlamentares.

Neste momento, teremos a execução do Hino Nacional e, na sequência, ouviremos também a apresentação do Hino da Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2016, com o grupo da Paróquia Nossa Senhora da Boa Viagem, do bairro Saco dos Limões, de Florianópolis.

(Procede-se à interpretação dos hinos.)

Reverendíssimo arcebispo metropolitano, dom Wilson Tadeu Jönck; e reverendíssimo presidente da Conferência Nacional dos Bispos, dom João Francisco Salm, é praxe desta Casa que o deputado proponente presida as sessões especiais em homenagens, como a que estamos fazendo aqui hoje. No entanto, dado o apreço que tenho ao deputado Padre Pedro Baldissera e a nossa querida Igreja Católica, a qual sou também praticante - e com muito prazer participo deste ato -, fiz questão de estar presente nesta abertura para ratificar a importância do momento que o Brasil passa, do quanto a Igreja é importante no resgate dos valores morais e de família que são o sustentáculo da nossa sociedade.

Por isso, quando iniciamos mais uma Campanha da Fraternidade, e com um hino tão bonito, falando de coisas tão importantes, é um momento para esta Casa associar-se à Igreja e a todos aqueles que têm na religião um rumo, um destino, tendo fé de que teremos dias melhores pela frente.

Assim, cumprimentando todos que aqui estão e empenhando os esforços desta Casa e dos parlamentares para que possamos dar a nossa contribuição à sociedade, queremos também dizer da alegria que temos de poder participar, a partir de hoje, da Campanha da Fraternidade.

Por isso, para que se cumpra a nossa tradição, passo a Presidência ao deputado Padre Pedro Baldissera para que conduza a presente sessão.

Boa-noite a todos!

Muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Dando continuidade à nossa sessão especial, teremos a apresentação de um vídeo institucional produzido pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil - Conic.

(Procede-se à apresentação do vídeo)

(Palmas)

Esta Presidência registra a presença das seguintes autoridades:

Senhor Álvaro Emanuel da Silva, seminarista de Teologia, neste ato representando o bispo de Lages;

Reverendo padre Clóvis de Melo Cavalheiro, diretor espiritual do Apostolado da Oração de Florianópolis e reitor da Igreja Santa Catarina de Alexandria do Colégio Catarinense;

Reverendo padre Almir José de Ramos, coordenador estadual da Pastoral Carcerária;

Reverendo padre Pedro José Koehler, capelão do Imperial Hospital de Caridade;

Reverendo padre Cláudio Zimmermann, vigário forâneo da Forania Florianópolis Centro-Sul;

Senhor jornalista Manoel Timóteo de Oliveira, relações públicas da Associação Comercial e Industrial de Florianópolis;

Senhor Idelvino Furlanetto, coordenador do Grupo Bíblico em Família da Paróquia Sagrados Corações - São José,

Reverendíssima irmã Maria Aroni Rauen, coordenadora da Conferência dos Religiosos do Brasil - Regional Florianópolis;

Senhor Luiz Henrique Fontão, chefe do Centro Estadual Fundacentro de Medicina e Segurança no Trabalho;

Senhora Elsita Andrade, representando o Conselho Estadual de Saúde pela CNBB.

A seguir, faço uso da palavra, na qualidade de autor do requerimento que ensejou a presente sessão.

Excelentíssimo reverendíssimo presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - Regional Sul 4 de Santa Catarina - e bispo da Diocese de Tubarão, dom João Francisco Salm;

excelentíssimo reverendíssimo arcebispo metropolitano de Florianópolis, dom Wilson Tadeu Jönck; reverendo pastor presidente do Cier e pastor sinodal do Sínodo Norte Catarinense, Inácio Lemke, neste ato representando o Conselho de Igrejas para Estudo e Reflexão; excelentíssima prefeita municipal de São Cristovão do Sul e presidente da Federação Catarinense dos Municípios - Fecam -, sra. Sisi Blind; sr. professor da Universidade Federal de Santa Catarina, Daniel José da Silva.

Queridos padres, pastores, pastoras, irmãs, religiosos, religiosas, agentes de pastoral, lideranças e coordenadores dos diferentes movimentos da Igreja e das Pastorais, saúdo cada um e cada uma que nos alegram com a sua presença nesta noite em que, oficialmente, no Poder Legislativo, fazemos o lançamento da Campanha da Fraternidade, este ano pela quarta vez ecumênica.

Por isso, é sempre uma imensa alegria contar com a presença de cada um e de cada uma de vocês, e podermos, desta forma, cumprir com o papel do Legislativo, que tem também uma responsabilidade e um grande compromisso perante os desafios que são postos a cada um e a cada uma.

(Passa a ler.)

"O tema da Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2016, Casa Comum, nossa Responsabilidade, aborda muitas questões apresentadas pelo Papa Francisco, na Encíclica Verde, publicada em agosto, a *Laudato si'*, louvado seja, e remete-nos a várias reflexões. Mas vou me deter a uma análise bem simples.

O conceito 'casa comum' coloca-nos, todos e todas, dentro de um mesmo lar, este lar cuja natureza exuberante e diversificada tem a capacidade de prover e sustentar a vida ao longo de milhares de anos. Nesta ótica, impressiona-me muito quando ouço as pessoas utilizarem as expressões 'jogar fora', 'descartar', 'eliminar'.

Caros moradores e moradoras desta casa comum, cristãos e cristãs, irmãos e irmãs de caminhada, há um problema gravíssimo nestas expressões. Nesta casa comum, na nossa casa comum, não existe

'fora'. Quando colocamos o lixo dentro de uma lixeira, ele é retirado do local onde estamos, mas não de nossa casa comum. Ele continuará nela. Quando a água utilizada, o esgoto, escorre pelos canos, ela sai de onde estamos, mas não sai de nossa casa comum. Não é possível 'jogar fora' em nossa casa comum.

No texto da Encíclica Verde, que hoje é objeto de estudo e análise nas mais diversas áreas, o problema do meio ambiente não é tratado apenas numa dimensão de preservação da natureza, mas aponta aspectos sociais, tecnológicos e de relações econômicas. Isso porque a pobreza e a degradação ambiental andam juntas, já que a exploração dos recursos naturais afeta todos e, no entanto, atinge de forma mais dura aqueles e aquelas que não têm recursos.

É com este espírito de aprofundamento dos debates e reflexões que realizamos esta sessão e trazemos para dentro da Assembleia Legislativa o desafio de cada um de nós, individualmente, e de todos nós, como cidadãos e cidadãs, cristãos e cristãs, de cuidarmos de nossa casa comum, que é nossa responsabilidade.

A temática do saneamento básico, principal enfoque dado à Campanha, é um problema atual que envolve exatamente a questão apontada pelo Papa Francisco: não se trata apenas de questões ambientais, mas da dimensão social disso. As periferias e regiões pobres das cidades são as que mais sofrem pela falta de infraestrutura e saneamento.

Nós temos, em Santa Catarina, inúmeros desafios. Possuímos uma das menores redes de coleta e tratamento de esgoto no Brasil, com apenas 14% da população atendida por rede de saneamento básico. Enfrentamos a falta de planejamento. Somos um dos únicos estados do país que não têm o fundamental Plano de Gerenciamento Hídrico, e temos um dos menores investimentos em saneamento básico da federação.

Cabe não apenas aos governos, mas também a cada um de nós lutarmos por mudanças. E aqui uso uma frase que ouvi de um dos nossos convidados, o

professor Daniel José da Silva: 'Devemos chamar a atenção para a crucialidade do momento que nós vivemos e cada um começar a fazer a sua parte'. A nossa casa comum pede, grita, implora para que cada um e cada uma de nós atuem de forma a garantir a vida. Essa garantia passa pela luta por saneamento básico e por respeito aos recursos hídricos. Também envolve, claramente, mudanças urgentes e necessárias na produção e no consumo, porque a pressão sobre os recursos naturais também é um sintoma dessa doença de um sistema que cada vez mais valoriza o ter e cada vez menos o ser.

Assim, que nós possamos também encontrar e valorizar as boas iniciativas, as ações positivas, essas que olham para a natureza e para as pessoas com os olhos do ser e não do ter, porque isso também é fundamental. Nada está perdido e temos aí ótimos exemplos de resistência e de mudança também.

O abastecimento de água potável, o esgoto sanitário, a limpeza urbana, o manejo de resíduos sólidos, o controle de meios transmissores de doenças e a drenagem de águas pluviais são medidas necessárias para que todas as pessoas possam ter saúde e vida dignas. Por isso a justiça ambiental também é parte integrante da justiça social.

Espero que as reflexões dessa Campanha da Fraternidade, como em outros anos, alcancem toda a sociedade e sejam multiplicadas por muito tempo para que cada vez mais pessoas tomem consciência da gravidade do momento em que vivemos e também percebam que ainda há tempo para mudar. Mas não muito, pois o planeta grita, milhares de irmãos e irmãs gritam. Resta-nos, como cristãos e cristãs, não apenas ouvir, mas agir. Portanto, que cada um e cada uma façam a sua parte!"

Muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

Dando continuidade à sessão, convido a mestrede-cerimônias, Nicoli Madeira, para que proceda à nominata dos homenageados desta noite.

A SRA. MESTRE-DE-CERIMÔNIAS (Nicoli Madeira) - Senhoras e senhores, boa-noite!

Neste momento, o Poder Legislativo catarinense, em sessão especial alusiva à Campanha da Fraternidade Ecumênica 2016, que tem como tema: Casa Comum, nossa Responsabilidade, e como lema: Quero Ver o Direito de Brotar como Fonte e Correr a Justiça qual Riacho que não Seca, presta homenagens às entidades pelo seu comprometimento com a Campanha Ecumênica na qual a justiça e o direito são construídos coletivamente.

Convido o sr. deputado Padre Pedro Baldissera para fazer a entrega das homenagens.

Convido para receber a homenagem o presidente da CNBB - Regional Sul 4 de Santa Catarina - e bispo da Diocese de Tubarão, dom João Francisco Salm, neste ato representando a Igreja Católica Apostólica Romana.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o presidente do Cier e pastor sinodal do Sínodo Norte Catarinense, Inácio Lemke, neste ato representando o Conselho de Igrejas para Estudo e Reflexão.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o estudante do quarto ano de Teologia, da Faculdade Católica de Santa Catarina, Ariel Philippi Machado, neste ato representando a Rede Ecumênica da Juventude.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o pastor sinodal do Sínodo do Vale do Itajaí, Sigfrid Baade, neste ato representando a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o pastor em Rio do Sul e conselheiro do Distrito Vale do Itajaí, Rubin Brehn, juntamente com os pastores Jacson Junior Ollmann e Daltro Gilson Tomm, neste ato representando a Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o reverendo da comunidade Missão da Santa Cruz, Luiz Carlos Silva Vieira, neste ato representando a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem a pastora Regina Niura Silva do Amaral, da comunidade com sede na Coloninha, Florianópolis, neste ato representando a Igreja Presbiteriana Independente.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o monsenhor Agathangelos Karkagkelis e a sra. Catarina Apóstolo Comninos, neste ato representando a Igreja Ortodoxa Grega São Nicolau.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o reverendo padre Celso Valdir Alves, da comunidade com sede em Barreiros, neste ato representando a Igreja Católica Ortodoxa Siriana Maria Mãe de Deus Uno.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o reverendo padre Elias Della Giustina, pelos relevantes serviços prestados à Caminhada Ecumênica como secretário executivo da CNBB Regional Sul 4.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Agradeço ao sr. deputado Padre Pedro Baldissera.

Esta sessão está sendo transmitida ao vivo pela TVAL e durante a semana será reprisada. Acompanhe a programação!

Muito obrigada!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Neste momento, convido para fazer uso da palavra, em nome de todos os homenageados e de todas as Igrejas aqui contempladas, o reverendíssimo Arcebispo Metropolitano de Florianópolis, dom Wilson Tadeu Jönck.

O ARCEBISPO DOM WILSON TADEU JÖNCK - Sr. presidente, deputado Padre Pedro Baldissera,

proponente desta sessão, quero, ao citar o seu nome, saudar todos os membros da mesa, os presentes, os representantes de várias igrejas e, sobretudo, aqueles que acabaram de ser homenageados e representam as suas igrejas.

O deputado Padre Pedro Baldissera já se pronunciou e outros ainda falarão a respeito da parte concreta daquilo que devemos e queremos fazer. Eu me reservo aqui a buscar o que é o lema: Quero Ver o Direito Brotar como Fonte e Correr a Justiça qual Riacho que não Seca.

Todas essas igrejas são cristãs. Essa é uma Campanha da Fraternidade Ecumênica, e esse é um detalhe bem significativo dessa Campanha, pois todas apresentam Cristo e colocam-se a serviço de Cristo. E é com esse espírito que, todos unidos, abordamos esse tema do saneamento básico, porque não basta apenas fazer um trabalho, e sim fazê-lo com espírito. E queremos buscar esse espírito no Evangelho, na Sagrada Escritura. É lá que buscamos a motivação que nos leva a querer uma cidade melhor, a colaborar para que de fato haja água com qualidade para todos, que a questão do lixo seja solucionada adequadamente, que o esgoto também receba um tratamento adequado para que a nossa cidade seja um lugar bom para se morar. É nas cidades que queremos cuidar da nossa casa, sobretudo.

Vou me servir agora de uma metáfora recordada por São Basílio Magno, que falava do sicômoro. O profeta Amós se apresenta como cultivador de sicômoros. São Basílio Magno lembra que o fruto do sicômoro é indigesto, tem uma acidez que o torna intragável. Para que ele possa ser aproveitado, deve ser ferido, e o cultivador sabe fazer isso no momento e no lugar certo. Ele fere o fruto, que amadurece, e a sua acidez característica desaparece. São Basílio Magno diz que esse fruto, com toda a sua acidez, é o símbolo do mundo pagão, do mundo sem Cristo, do mundo sem a novidade do Evangelho. Esse mundo precisa de um ferimento, e deve ser ferido pela palavra do Evangelho, pela novidade do Evangelho.

Então, esse mesmo mundo intragável torna-se um saboroso, aproveitável e pode dar satisfação a todos aqueles que o buscam para se alimentar.

Penso que, ao buscar uma solução para a questão do saneamento básico, devemos fazê-lo com esse fermento da palavra do Evangelho, do espírito do Evangelho. É ele que nós dirá como fazer e com que espírito fazer e construir a nossa cidade. E que nós possamos colocar isso acima de qualquer fruto ou desfrute, aproveitamento de oportunidade ou qualquer oportunidade de lucro. Acima de tudo, que aqueles valores do Evangelho, como o bem comum, a justiça, a igualdade, a fraternidade e o amor ao próximo, sejam os valores a ferir cada coração e que estejam presentes em todas aquelas ações que nós desejamos ver solucionando o problema de saneamento, que já foi colocado aqui nesta noite.

Então, veremos de fato a justiça correr como um rio, veremos o direito brotar como uma fonte e a nossa cidade será um lugar bonito e bom para morar. E que esses valores do Evangelho possam guiar também a construção da nossa cidade e da nossa casa comum.

Muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Na sequência, ouviremos o presidente do Conselho de Igrejas para Estudo e Reflexão - Cier - e vice-presidente do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil - Conic -, pastor Inácio Lemke.

O PASTOR INÁCIO LEMKE - Saúdo o professor Daniel José da Silva; dom João Francisco Salm, representante da CNBB Regional Sul 4; dom Wilson Tadeu Jönck, Arcebispo Metropolitano de Florianópolis; a prefeita de São Cristovão do Sul, pastora Sisi Blind, e em seu nome saúdo todas as mulheres presentes nesta Casa; e o excelentíssimo deputado Padre Pedro Baldissera.

É com alegria e muita responsabilidade que, nesta noite, assumo esta tribuna, e com muita

responsabilidade pela Campanha da Fraternidade Ecumênica deste ano de 2016.

(Passa a ler.)

"Casa Comum, nossa Responsabilidade. Quero ver o Direito Brotar como Fonte e Correr a Justiça qual Riacho que não Seca. (Amós 05. 24)

Pela quarta vez, a Campanha da Fraternidade é realizada de forma ecumênica. Neste ano, tem como objetivo geral assegurar o direito ao saneamento básico para todas as pessoas, empenhando-nos, à luz da fé, por políticas públicas e atividades responsáveis que garantam a integridade e o futuro da nossa Casa Comum, já tão bem frisado pelos meus antecessores nesta tribuna.

Queremos, através dessa Campanha da Fraternidade Ecumênica, motivar para uma reflexão integral das comunidades para demonstrar que é um direito humano fundamental e, como todos os outros direitos, requer a união de esforços entre sociedade civil e poder público no manejo de serviços e cuidados.

Acreditamos que um mundo de justiça e de direitos precisa ser construído coletivamente, somando as criatividade, os talentos e as experiências em benefício do bem comum.

O Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil - Conic - e a Misereor - Organização dos Bispos Católicos Romanos da Alemanha -, assumem, conjuntamente, a perspectiva do direito à água potável e ao saneamento básico, que fazem parte dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável - ODS.

As Igrejas que integram o Conic e as nossas organizações parceiras assumem como missão expressar em gestos e ações o mandato evangélico da unidade, que diz: 'Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que também eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste'. (Jo 17.21)

Essa parceria expressa a nossa convicção de que estamos vivendo numa Casa Comum e que temos responsabilidades conjuntas para enfrentar os grandes desafios da humanidade: a fome, a miséria, a justiça e a liberdade, direitos humanos para

todas as pessoas e a luta por justiça climática tão necessária em nosso tempo. Entendemos que a nossa responsabilidade é comum e diferenciada, como já foi dito na Conferência do Rio-92, também conhecida mundialmente por Eco-92. Esta afirmação vem sendo feita também em tantas outras conferências promovidas pelas Nações Unidas, pelo Conselho Mundial de Igrejas e em encontros de lideranças de estados.

A Campanha da Fraternidade Ecumênica deste ano também está em consonância com a Encíclica *Laudato si'*: Sobre o Cuidado com a Casa Comum, do Papa Francisco; bem como com a peregrinação por justiça e paz, do Conselho Mundial de Igrejas, de Genebra; e com a convocação feita pela Organização das Nações Unidas - ONU - para que as religiões colaborem para a promoção de mudanças de valores no que diz respeito ao meio ambiente.

O objetivo dessa Campanha da Fraternidade Ecumênica é assegurar o direito ao saneamento básico para todas as pessoas e empenharmo-nos, à luz da fé, por políticas públicas e atitudes responsáveis que garantam a integridade e o futuro de nossa Casa Comum. A dimensão ecumênica fortalece a compreensão de que o diálogo e a ação conjunta entre Igrejas e religiões são necessários e possíveis. A IV Campanha da Fraternidade Ecumênica coloca-se na contramão da competição e da intolerância religiosa. É um apelo dirigido a todas as pessoas religiosas de boa vontade para que contribuam com as suas capacidades para a promoção da boa convivência, da justiça, da paz e do cuidado com a Casa Comum, nosso planeta terra. Inspiramo-nos no versículo bíblico do profeta Amós 5.24: 'Quero ver o direito brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca'.

Compreendemos que a água de qualidade e o saneamento básico são bens essenciais para a concretização de todos os direitos humanos, conforme resolução da ONU. Nenhuma pessoa, portanto, deve ser privada do acesso aos benefícios do saneamento básico, em função de sua menor condição socioeconômica. O acesso ao saneamento deve ser considerado um bem de caráter

público, destinado à inclusão social e garantia da qualidade de vida. O país somente alcançará a universalização do saneamento básico por meio de redobrados investimentos públicos. A sua gestão também deve ser pública. O fornecimento de água deve ser contínuo e suficiente para o uso pessoal, doméstico, comercial e industrial.

O saneamento básico precisa ser priorizado como uma ação de combate à miséria, buscando a preservação do meio ambiente e a manutenção da saúde pública em níveis adequados para todas as pessoas. O acesso ao saneamento básico é um dos principais instrumentos de proteção da qualidade dos recursos hídricos, de inibidores de doenças como diarreia, cólera, febre amarela, febre Chikungunya, dengue e Zika vírus.

A construção de grandes obras, como hidroelétricas, não deve ser executada sem um plano previamente estudado e admitido no cumprimento das convenções, e sem um planejamento que inclua os serviços de saneamento básico. O estado de Santa Catarina construiu, e continua construindo, hidrelétricas e barragens sem levar em conta as populações ribeirinhas mais carentes e mais atingidas nesse momento.

O desperdício de água atinge, principalmente, as pessoas economicamente vulneráveis. Nesse sentido, é inadmissível que, em meio às graves crises hídricas vividas em nosso estado, principalmente no verão, continuem perdendo, aproximadamente, 33,71% da água tratada e potável nos sistemas de distribuição, seja por vazamento ou ligações clandestinas.

Fortalecer a cultura da preservação e do não desperdício é um desafio para todas as pessoas, e é o que estamos discutindo em nossas comunidades religiosas. É necessário ouvir as populações e, sobretudo, as mulheres no processo de implementação das políticas de saneamento básico, tendo em vista que são elas as principais usuárias e cuidadoras da água para o consumo doméstico e para a agricultura de subsistência familiar. Também são as mulheres que desempenham em sua

maioria as tarefas de educação das crianças e o cuidado com a saúde familiar.

A coleta seletiva do lixo precisa ser ampliada no nosso estado, pois é importante para a destinação e tratamento adequado dos resíduos e para a reciclagem, que beneficia milhares de pessoas que atuam diretamente na reciclagem também em Santa Catarina, onde ainda muita matéria-prima de alto valor acaba nos lixões que, por lei, já deveriam ter sido supridos. É importante a valorização dos Comitês de Bacias Hidrográficas - que são difíceis e, muitas vezes, não são levados em conta ou implantados - para fortalecer a coordenação entre os municípios nas ações relacionadas ao saneamento básico.

Como Igreja e Conic, preocupa-nos, senhoras e senhores, o avanço lento dos serviços de saneamento básico na região geográfica do estado de Santa Catarina. Apesar dos esforços já desenvolvidos pelos governos federal, estadual ou municipal, continuam sendo muito lentos e em alguns municípios andam quase parados. E cabe ainda um empenho muito maior do que vem acontecendo até o momento.

Cabe lembrar que no Brasil mais da metade da população ainda permanece sem acesso às redes de coleta de esgotos, e que apenas 40% dos esgotos coletados são tratados.

Eu trouxe esse documento, e que entregamos também para a Presidência da República, e alguns desses dados eu tirei de lá. Mas Santa Catarina é um estado que fica abaixo da média brasileira, em relação ao tratamento de esgoto.

Há falta de clareza sobre como avançar de forma mais eficaz e efetiva nos serviços de saneamento básico nas áreas rurais, indígenas, quilombolas, áreas irregulares, entre outras populações excluídas, que nem alcançam o caminhão de coleta dos resíduos sólidos.

Há falta de uma política de educação ambiental coordenada pelo ministério da Educação, e, conseqüentemente, no estado, pela secretaria de Educação, voltada para as crianças, adolescentes e jovens para motivá-los em relação ao tema da

preservação da água e do saneamento básico em nosso estado. Há degradação de rios, lagos, reservatórios e praias pelo lançamento indiscriminado de esgotos. Isto vem sendo sentido e comentado principalmente em época de veraneio, quando turistas de outros estados visitam-nos e então aparecem os dejetos e a nossa irresponsabilidade no tratamento do esgoto e de toda forma de recolhimento do lixo.

Preocupa-nos, sim, a existência dos chamados 'rios mortos', que recebem os esgotos com pouco ou nenhum tratamento.

Comprometemo-nos, como Igreja e Conic:

Estimular as nossas Igrejas, comunidades eclesiais, organismos ecumênicos a se mobilizarem em favor dos planos municipais de saneamento básico;

Incentivar o consumo responsável dos dons da natureza, em especial da água;

Apoiar e fortalecer as mobilizações que têm como objetivo a eliminação de focos de mosquitos transmissores da dengue, da febre Chikungunya e do Zika vírus;

Incentivar o cultivo de valores espirituais que fortalece o cuidado com o planeta;

Contribuir para a difusão de uma cultura de não desperdício, em especial da água e dos alimentos, que estão caros;

Contribuir para que catadores e catadoras que trabalham na coleta seletiva do lixo sejam respeitados como cuidadores e cuidadoras especiais do meio ambiente;

Assumir, como Igrejas, em irmandade ecumênica, a corresponsabilidade na contribuição de um mundo sustentável e justo para todas as pessoas e para toda a criação.

Termino fazendo memória aos temas e lemas das Campanhas das Fraternidades Ecumênicas que já aconteceram em nosso país: em 2000, Dignidade Humana e Paz, Novo Milênio Sem Exclusões; em 2005, Solidariedade e Paz, Felizes os que Promovem a Paz; em 2010, Economia e Vida, Vocês não Podem Servir a Deus e ao Dinheiro, baseado no texto bíblico Mateus 6:24.

Nessa campanha também fui convidado pela Assembleia Legislativa e fiz-me presente chamando a corresponsabilidade entre o estado laico e as entidades religiosas para a cooperação mútua para o bem e a integridade da criação que por Deus nos é confiada.

Por fim, desejamos que a Campanha da Fraternidade Ecumênica fortaleça a fé e a esperança de uma Casa Comum, habitada, vivida e de convivência entre todas as pessoas e para toda a vida, em que o Direito Brote como Fonte e a Justiça qual Riacho que não Seca!"

Quero, neste momento, entregar o livro da Campanha, elaborado pela comissão do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil - Conic - e pela Misereor - Organização dos Bispos Católicos Romanos da Alemanha -, ao deputado Padre Pedro Baldissera, que é o proponente desta sessão.

Muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Muito obrigado, pastor Inácio Lemke.

Na sequência, ouviremos uma reflexão do professor aposentado do Departamento de Engenharia Sanitário e Ambiental da UFSC; especialista em Hidrologia e Recursos Hídricos, pela Espanha; mestre em Sociologia e doutor em Planejamento Estratégico, pela UFSC; e pós-doutorado em Gestão Social da Água, pelo Canadá, sr. Daniel José Silva.

O SR. DANIEL JOSÉ SILVA - Boa-noite a todos!

Gostaria de saudar as pessoas que vieram de diversos lugares do estado, em especial os jovens; os membros da mesa, as lideranças religiosas e políticas, na pessoa do deputado Padre Pedro Baldissera, e de agradecer o convite por estar presente nesta noite.

Eu já estive nesta Casa algumas vezes e lembro-me de uma em especial, em 1983, época da grande enchente em Santa Catarina. Naquela ocasião, a comunidade catarinense ficou perplexa naqueles dias de julho, quando, literalmente, todo estado ficou coberto de água. Na época, esta Casa

reagiu, assim como outras instituições, para entender aquele fenômeno. Eu era um dos primeiros, senão o único, hidrólogos da universidade, e foi buscando compreender aquele fenômeno que, ao percorrer Santa Catarina, encontrei outra dimensão da minha profissão que eu não havia estudado, que era a dimensão social da água.

Eu pensava que entendia as enchentes, mas percebi que não as entendia. Santa Catarina me ensinou a encontrar as pessoas, quando você se depara com uma crise, seja pelo excesso ou escassez da água. Atrás de uma gota de água sempre há uma pessoa, e geralmente é ela que transforma a gota de água numa ex-gota, numa gota de esgoto, porque a natureza não produz esgoto.

O Brasil produz, hoje, algo em torno de 25.000.000.000m³ de esgoto por dia. Imaginem, que estamos produzindo algo em torno de 25.000.000.000m³ todos os dias. E essas águas correm - como a justiça corre no rio, como o profeta já falou - em direção aos nossos oceanos. Deputado Padre Pedro Baldissera, 13% de todas as águas que chegam aos oceanos no planeta correm por rios brasileiros. Isto é uma responsabilidade para nós, pois 13% de todas as águas que chegam aos oceanos são águas que correm por rios brasileiros.

Se nós fizéssemos uma aliança estratégica, incluindo as lideranças religiosas, com o Quebec, uma província do Canadá - e fiz lá os meus últimos estudos -, que aporta 7% de todas as águas doces que chegam ao oceano... O Brasil e a província de Quebec chegam a 20%. Então, isso é uma responsabilidade muito grande.

Eu gostaria de comentar que os dados trazidos pelo deputado Padre Pedro Baldissera e o pastor, que falaram com muita propriedade, são dados que estão disponíveis com muita facilidade na *internet*, em especial no instituto Trata Brasil. Esses dados mostram a realidade do saneamento no mundo, no Brasil e em Santa Catarina. Os dados não são muito confortáveis e deixam-nos perplexos: como podemos ser tão descuidados? Alguns números impressionam. Por exemplo, no mundo, no Brasil e em Santa Catarina a quantidade de pessoas que

ainda não têm acesso à água é da razão de duas, entre cada dez pessoas.

Então, pensa-se em sete bilhões no mundo, em 200 milhões no Brasil, em seis ou sete em Santa Catarina. E tem-se aí que em cada dez pessoas, duas não têm acesso à água tratada. Esse número fica ainda mais constrangedor, quando se fala em coleta da água que é usada. Esses números, em Santa Catarina, são piores porque 20% do volume que é produzido são coletados, mas não necessariamente tratados e dispostos adequadamente, porque a gota de água que é transformada em gota de esgoto tem três características que é preciso acompanhar: uma é que seja coletada, a outra é que seja tratada, e a terceira é que tenha um final adequado.

Portanto, apenas 20% do que se produz de esgoto em Santa Catarina têm coleta, tratamento e disposição adequada. Por isso vejam que temos números constrangedores.

E quando se chega no impacto dessa falta, começamos a observar que de cada duas pessoas que morrem por dia no mundo por doença hídrica, falando claramente por diarreia, uma é criança com menos de cinco anos e a outra ou é criança, ou adolescente ou idoso. Então, o sofrimento causado é generalizado para todas as pessoas. E é por isso que se pode imaginar com facilidade que a água e também o esgotamento sanitário são bens comuns.

Eu quero destacar o *Laudato si'*, um documento ao qual tenho me dedicado nos últimos seis meses no sentido de identificar para cada um dos mais de 200 parágrafos do documento uma palavra-chave que nos permita fazer uma conexão pedagógica com o parágrafo. O livro me animou muito e deu-me um alento muito grande, porque acho que foi um marco na produção de boas novas a respeito do que estamos vivendo.

A Conferência da Paz de Paris fala pela primeira vez que se deve abandonar o uso de combustíveis fósseis. E a primeira vez que surge num documento internacional essa expressão. Santa Catarina é o maior produtor de um combustível fóssil horrível, na região sul do estado, que é o

carvão. E se há algo que se pode dizer com facilidade num ambiente público é isto: por que continuamos com isso? Podemos deixar isso e usar outras energias mais humanizadoras. O carvão e o petróleo, decididamente, desumanizam o planeta.

Destaco o exemplo do uso pedagógico da *Laudato si'*. O § 228 - e quem tem em o documento pode se situar -, no Capítulo VI, faz referência à ideia do amor, mas o amor é adjetivado de civil e político. Existe o amor que acontece nas esferas mais íntimas da família, da sociedade e das comunidades, mas também existe aquele amor que se pode trabalhar de forma mais pública, mais aberta, sem necessariamente cair em interpretações levianas. Quando se fala na ideia de um amor político, é porque existe uma dimensão política das nossas vidas que está sendo descuidada, mas o amor poderá recolocar-nos no cuidado dessa relação.

O Papa é feliz ao dizer que precisamos de uma cultura do cuidado. É preciso entender que ela é a explicação científica que se pode dar para a própria evolução do humano. O humano evoluiu a partir da aprendizagem que ele teve do cuidado. Primeiro, começou a cuidar dos seus bebês; segundo, começou a cuidar da sua família; terceiro, começou a cuidar da sua natureza, seja enquanto vivia nas árvores, seja quando começou a viver nos terrenos, nas bacias e nas águas.

O cuidado é um aprendizado que realizamos na medida em que vamos evoluindo. Podemos dizer, com muita clareza, que a evolução humana resulta da aprendizagem da cultura do cuidado. Se não tivéssemos desenvolvido a capacidade de cuidar, não teríamos chegado aonde chegamos. O próprio desenvolvimento da placenta dos mamíferos foi uma resposta à necessidade de aumentar o cuidado da geração de novos seres. Os mamíferos não tinham placenta há 50 milhões de anos. Então, a geração da placenta já foi uma manifestação da biologia do cuidado. Somos seres que nos realizamos na biologia do cuidado. Então, o que está acontecendo hoje conosco? Estamos perdendo a ideia da cultura do cuidado.

Assim, é muito claro esse sentimento de perda. Há violência, insegurança, contaminação dos aquíferos. Meu Deus, como podemos não ter cuidado com os aquíferos e com os oceanos?! A Ilha de Florianópolis recebe um milhão de pessoas no Natal e no Carnaval, que consome em torno de 200 litros de água a cada dia. Portanto, são 200 milhões de litros de esgoto colocados no mar. Como pode ser que não haja esse cuidado?!

Então, estamos com um problema na cultura do cuidado que nos fez humanos, e isso tem que ser recolocado na questão da leitura da degradação, dos nossos problemas e de toda a violência.

O Papa cita outra palavra legal que nos anima como cientistas, que é a ideia de bem comum. O bem comum, que é o reconhecimento de algo que é bom para mim e para você, está na origem da formação do humano. A origem do humano é dada pela emoção do amor, ou seja, o amor é uma emoção primária e não é secundário. É essa ideia de que se reconhece o outro como legítimo que nos permite sentirmo-nos humanos, e é claro que vamos sentir isso no nosso filho, na nossa esposa e na nossa família.

Estamo-nos dando conta de que usamos a água que e o fogo que o outro também usa. Então, começamos a ter, lá na origem do humano, o reconhecimento daquilo que é bom para você e para o outro: "Aquela família está desprotegida! Vamos ajudá-la"!

Então, a ideia do bem comum, deputado Padre Pedro Baldissera, está na origem da evolução do humano e das famílias, porque o humano começa pelas famílias. Quando o humano torna-se bípede, desce das árvores, já desce em família. Quando ele procura as primeiras cavernas para se proteger, já procura em família. Ou seja, não há como você não ser família, mesmo que, às vezes, seja solitário, tenha perdido os seus entes, mas você traz essa ideia de que não é sozinho. A ideia de humanidade vem daí.

O amor está para o humano assim como os bens comuns estão para a humanidade. Sem a ideia de bem comum não existe humanidade.

A água é o bem comum? Sem dúvida, ela é um bem comum. As pessoas falaram muito bem nesse vídeo, mas todos os dias estamos escutando pessoas que falam coisas muito estranhas, como a água ser um bem privado, que se administrarmos de forma privada ela vai ser melhor para todo mundo. Ou seja, a ideia de que a água é privada é algo que corre não somente pelo nosso país, mas pelo mundo inteiro.

Assim, a ideia de que o Papa deixa-nos palavras muito úteis para trabalhar em cada parágrafo é a mensagem que eu gostaria de trazer para vocês nessa crucialidade do saneamento.

O saneamento não será resolvido pelas nossas indignações. Da mesma forma que não temos saneamento há 500 anos, existem brasileiros que se indignam com essa situação, mas nem por isso vamos mudá-la.

Nos últimos dez anos, nunca foi investido tanto dinheiro no Brasil. Para vocês terem uma ideia, da ordem de 0,5% do PIB, porque a cada orçamento a quantidade de dinheiro orçado para saneamento é da ordem de 3%, é muito dinheiro. Mas nós não conseguimos realizar sequer 2%, no máximo, num bom ano, conseguimos realizar 1,5%, ou seja, 50% daquilo que foi previsto, e já estamos na faixa de 1%. Mas seguindo esse caminho, levaríamos 100 anos para resolver o problema. Ou seja, nós não podemos nos enganar, pois não vai mudar essa realidade da noite para o dia.

Então, essa ideia de que precisamos discutir a nossa responsabilidade como cidadãos e líderes é algo que se coloca como uma inovação. Por que não identificar num banco de tecnologia e ideias soluções mais caseiras para resolver o problema do esgoto, já que ele é sempre produzido de forma caseira? Por que temos que concentrar algo que é produzido de forma distribuída? Esta é uma ideia que precisa ser valorizada, pois, de repente, o custo é menor. Eu estou falando tudo isso num sentido mais popular, porque temos ciência para mostrar que é. Ou seja, quando se descentraliza a questão da solução do esgoto, encontra-se preços muito mais baratos. Ou seja, passa-se de R\$1 mil

por pessoa para a casa de R\$100,00 a R\$200,00 por pessoa. Nós estamos falando de ordem de grandeza muito significativa.

O encontro de tecnologias mais adequadas viria a partir do momento que tivéssemos grupos de trabalho, mesas redondas permanentes. Vejam a quantidade de lideranças que temos nesta mesa, sejam políticas ou religiosas. Isso não poderia ficar somente num dia do ano, mas teria que ser permanente, porque na medida em que essas lideranças convidam os representantes das universidades e dos sindicatos, eles se farão presentes porque não há como negarem participar de um esforço dessa natureza.

Então, eu gostaria de dizer para vocês que a solução da água e do saneamento como bem comum não será uma resposta dos governos. Eles são parceiros, mas é a sociedade e as lideranças sociais que precisam assumir a responsabilidade legítima de trazer o assunto para si. As comunidades de bacias, as comunidades de bairros e as comunidades religiosas têm que trazer com legitimidade esse assunto, porque ele é um bem comum e não um bem estatal, deputado Padre Pedro Baldissera. A água neste país não é um bem estatal. Então, há uma diferença. E estamos deixando para o estado resolver um problema do qual ele não possui a titularidade e é apenas o guardião, evidentemente, como é o guardião de todos os bens comuns da nação. Mas a titularidade é o cidadão e precisamos encontrar esse caminho da participação da cidadania.

Eu digo para vocês que existem tecnologia e dinheiro - e dinheiro não falta - para resolver o problema do saneamento, mas, evidentemente, falta política. Então, existe a cidadania, e é preciso que se encontre esse caminho da participação qualificada.

Eu gostaria de concluir dando uma ideia de que a cultura do cuidado remete-nos a uma integração, e o Papa fala muito da ecologia integral, do cuidado com as pessoas, com a natureza e com o futuro. Essa ideia de que a geração atual precisa assumir a sua responsabilidade com o cuidado do

futuro é uma prerrogativa para nos animarmos a participar das questões relativas aos bens comuns, porque é a nossa geração que passará para a história como a que viveu o colapso. Estamos vivendo o colapso. Apesar de todos os nossos esforços de formação e geração de leis - como esta Casa tem feito -, precisamos entender que o futuro é uma prerrogativa da nossa geração. É preciso proteger e trazer o futuro na forma, evidentemente, dos jovens, e por isso que os saudei. Vocês, jovens, são a própria encarnação do futuro. A natureza, como os jovens, é a própria materialização do futuro. Saber protegê-la é saber proteger o futuro.

Então, trazer a ideia do futuro para essa discussão, parece-me que é absolutamente prudente e está, com muita clareza, colocada nesse texto do Santo Padre.

Agradeço a presença de todos e a oportunidade de, em mais um encontro, deixar para vocês uma ideia. Ela é otimista, mas não é ingênua. Nós temos muito trabalho pela frente!

Muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Muito obrigado ao professor Daniel José Silva, que nos deu uma verdadeira aula.

Como nós temos uma única presença feminina na mesa, que representa todos os municípios do nosso estado de Santa Catarina e a Fecam, eu gostaria de convidar a prefeita Sisi Blind para fazer também uma saudação a este povo, como pastora, prefeita e coordenadora dos municípios do estado de Santa Catarina.

A SRA. SISI BLIND - Quero saudar o deputado Padre Pedro Baldissera, padre em primeiro lugar, com a sua benção, que fez uma homenagem a tantas igrejas, pessoas e entidades. Então, quero fazer uma homenagem a v.exa., pela coragem, ousadia e presença de espírito de trazer nesta Casa, na Assembleia Legislativa, essa temática em que a religião e a fé conectam-se com a vida e a política.

Assim, quero saudar todos os integrantes da mesa e todos aqueles que aqui estão, dizendo o seguinte: que lição de vida recebemos nesta noite, desde a ferida do sicômoro, e como me encantou a sua palavra; desde a sua palavra, padre, quando disse que nós não conseguimos colocar nada fora. Isso é uma coisa tão simples, mas tão esquecida por nós. E está tão distante, mas é muito fácil jogar fora. Eu, às vezes, puxo a orelha do meu marido, quando ele pega algo e joga para fora do carro. Peço para ele colocar no lixo, mas ele me responde dizendo que lá fora há mais lugar do que dentro do carro. Mas o que é "lá fora"? Fora de nós, fora do lugar onde estamos, passando a responsabilidade, professor, para o outro.

Por isso, como prefeita, falo aqui em nome da Federação Catarinense dos Municípios, dos 295 municípios do estado de Santa Catarina. E os prefeitos, na sua gestão política, devem, sim, à comunidade, à sociedade, os planos de saneamento, mas sozinhos, professor, como entes políticos, como gestão política, não vamos sair desse engasgo em que estamos, porque esse é um problema seriíssimo de saúde, de proteção, de ambiente de vida, de povo!

Disse muito bem o professor que há um milhão de pessoas produzindo. Todos os dias nós produzimos. Assim como nos alimentamos, colocamos fora. E o que pensamos como solução? Passamos a solução para o outro, sempre para fora. Chama-nos a responsabilidade e eu pensei, em homenagem a v.exa., deputado, 1 Pedro 4:10: "Servir uns aos outros, cada um administre aos outros o dom como o recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus". Como bons despenseiros, e não dispenseiros, de dispensar, mas de despensa. E a despensa, meus caros, remete-me à minha infância. Na casa de meus pais havia uma despensa que guardava o alimento necessário para a nossa vida. Tínhamos o cuidado de guardá-lo lá, mas também de ir na venda carregando uma sacolinha no ombro, ou então em cima do cavalo, para que dentro dela fossem colocados os produtos comprados. Hoje, na modernidade, vamos ao mercado e voltamos

ensacolados. E para onde vão essas sacolinhas? Nós vimos nas figuras: vão para o lixo, para fora, para dentro dos esgotos, para dentro dos valos, para dentro dos rios! E aí acontece aquilo que vemos nas enchentes: estando tudo entupido, a água e os desejos vão para algum lugar!

Na nossa despensa havia garrafas retornáveis. Hoje, com a modernidade, compramos coca-cola, cerveja, guaraná e vinho, mas depois colocamos tudo para fora!

Esses são pequenos exemplos, e vocês já trouxeram muitos. Quero apenas, com essas palavras, pedir que, juntos, possamos encontrar uma solução do que é comum, do que é nosso, do que é de todos!

Professor, o senhor, com as suas palavras, chamou-me a atenção quando disse: "Vamos convidar os representantes das universidades". Há tantas pessoas pensando, há tantas pessoas com soluções! Com essas tecnologias, vamos para a lua e, no entanto, não conseguimos cuidar da nossa casa! Precisamos de convite e talvez aí esteja o grande desafio. Vamos sair do nosso comodismo, dispensar os convites e organizar a nossa despensa, servindo uns aos outros com o dom que recebemos, porque cada um de nós recebeu dons, qualidades, inteligência e capacidade. Nós estamos guardando a capacidade na despensa e dispensando aquilo que estraga a nossa Casa Comum.

Muito obrigada!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DA ORADORA)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Muito obrigada, pastora e prefeita, Sisi Blind, pela sua manifestação.

Convido para fazer uso da palavra o presidente da CNBB, Regional Sul 4 de Santa Catarina e bispo da Diocese de Tubarão, reverendíssimo dom João Francisco Salm.

O BISPO DOM JOÃO FRANCISCO SALM - Quero saudar os integrantes da mesa: prefeita e pastora Sisi Blind; dom Wilson Tadeu Jönck; deputado Padre Pedro Baldissera; pastor Inácio Lemke; e o

professor Daniel José Silva, que nos deu uma aula muito rica.

Saúdo também todos os presentes, as autoridades, os religiosos, os civis e os representantes de Igrejas, Dioceses, Pastorais, movimentos e organismos.

Quero saudar também a sra. Adelir Raupp, coordenadora regional da Campanha da Fraternidade, e, carinhosamente, o pessoal de Tubarão, que veio numa delegação.

(Palmas)

A Campanha da Fraternidade, nascida em Natal, no Rio Grande do Norte, em 1952, é considerada, há muito tempo, como uma grande proposta de evangelização. Na prática, é um processo educativo que ajuda a perceber melhor as exigências da palavra de Deus diante dos problemas concretos da sociedade.

Como neste ano a Campanha da Fraternidade é ecumênica, somos hoje aqui representantes de Igrejas, instituições, homens e mulheres de boa vontade. Sentimo-nos alcançados em nossa consciência e em nossos corações pelo clamor que vêm de uma multidão de pessoas, famílias e comunidades de toda parte, que experimentam as graves, dolorosas e muitas consequências da falta de saneamento básico.

De acordo com fontes que já foram citadas aqui, como: Instituto Trata Brasil, Portal Saneamento Básico, IBGE, Sema, ONU, Unicef, Ipea, Snis, trago algumas referências que me esclareceram de onde vem esse clamor, e que gostaria de citar rapidamente. Esse clamor que nos alcança vem de 100 milhões de brasileiros sem coleta de esgoto; de 120 milhões de brasileiros e brasileiras sem tratamento de rejeitos domésticos; de 35 milhões de brasileiros que não têm acesso à água tratada; de 400 mil brasileiros, sendo a metade crianças de até cinco anos internadas por ano com diarreia por falta de saneamento básico; de 85% dos catarinenses que não têm esgoto sanitário.

Esse é o clamor de 3,5 milhões de pessoas que morrem no mundo todos os anos por falta de água

potável, saneamento e condições de higiene; é o clamor daquelas crianças que morrem no mundo - segundo um desses portais, uma a cada dois minutos e meio - todos os dias, pelas mesmas razões: a falta de saneamento. E apenas no Brasil, todos os dias, seriam sete crianças morrendo de diarreia. Uma senhora cidadã brasileira desabafou ao dizer que os seus filhos vivem doentes e morrem como ratos na sujeira grande. E questionou como ter saúde desse jeito. Apenas com um milagre!

Esse é o clamor de 400 a 600 mil catadores de material reciclável, dos quais 90% não participam de qualquer organização coletiva e somente conseguem bem menos que a metade de um salário mínimo mensal.

Menos da metade da população brasileira tem acesso às redes de coleta de esgoto e somente 39% desses esgotos são tratados. O Brasil encontra-se entre os 20 países do mundo onde há menos acesso a banheiros. Com esgotos a céu aberto, o Brasil oferece campo aberto às larvas do *Aedes Aegypti*. Coleta e destinação precárias de lixo, aliadas à necessidade de estocar água causada por falhas de distribuição, agravam esse quadro.

Santa Catarina, segundo dados de 2013, tem, no Brasil, a sexta pior coleta de esgoto - e parece que tem melhorado, mas continua sendo mais ou menos de 14,59% -, e o décimo pior tratamento de esgoto, 21,35%.

No Brasil, 20 mil toneladas não coletadas de resíduos sólidos são lançadas diariamente nas ruas, nas galerias de águas pluviais e em cursos de água, e 80 mil toneladas recebem diariamente destino inadequado.

Sabe-se que a erradicação da pobreza e da fome, a redução da mortalidade infantil e a sustentabilidade ambiental dependem diretamente do acesso à água potável e do esgoto sanitário. Já foi dito aqui que justiça social requer justiça ambiental.

Pesquisadores destacam que quase 10% das doenças registradas ao redor do mundo poderiam ser evitadas, se os governos investissem mais em acesso à água, medidas de higiene e saneamento

básico. O acesso à água de qualidade e a um bom sistema de coleta e tratamento de esgotos são decisivos para afastar essas doenças que sobrecarregam o sistema de saúde. A Organização Mundial da Saúde estima que para cada dólar investido em saneamento seriam economizados US\$4,3 em saúde.

Na Resolução da ONU A/RES/64/292, de julho de 2010, consta o direito à água e a disposição do esgoto sanitário como algo essencial para a concretização de todos os direitos humanos.

O acesso ao saneamento promove a inclusão social e a garantia dos principais instrumentos de proteção da qualidade de recursos hídricos e daqueles que controlam e inibem as doenças como: cólera, que foi lembrada aqui nesta noite; febre amarela; Chikungunya; dengue; diarreia; e Zika vírus.

A falta de saneamento tem grande impacto na educação. As crianças que vivem em áreas sem saneamento apresentam diferença de 18% no aproveitamento escolar, se comparadas com crianças que vivem em áreas saneadas. No trabalho o impacto é maior em relação às faltas, sendo que moradores de áreas sem saneamento faltam 11% a mais dos que vivem em áreas adequadas.

É urgência o direito à moradia saudável que inclua proteção contra riscos à saúde e à vida das pessoas, com redes de água, saneamento básico, gás, energia elétrica, transporte público, limpeza e localização adequada. Pela não contemplação desses direitos, no mundo um bilhão de pessoas fazem as suas necessidades a céu aberto e milhares de crianças morrem por ano pela falta de acesso à água potável e ao saneamento básico.

Segundo informações publicadas no jornal *El País*, em julho de 2015, cerca de 120 milhões de latino-americanos não têm acesso a banheiros. O Brasil se encontra entre os dez países do mundo onde há menos acesso a banheiros. Segundo a ONU, no mundo, enquanto 6 bilhões de pessoas têm celular, apenas 2,5 bilhões têm acesso a banheiros.

Um dos principais problemas ambientais da atualidade é a grande produção de lixo. A nossa produção diária é de 240 mil toneladas. A consequência disso é a liberação de gases que promovem o efeito estufa e a poluição das águas subterrâneas e superficiais. Apenas 18% dos municípios brasileiros possuem coleta seletiva. O Brasil perde cerca de R\$8 bilhões por ano por deixar de reciclar os resíduos que poderiam ter outros fins, mas que são encaminhados aos aterros e lixões das cidades. Dos 90% que são coletados diariamente, 41,7% são levados para locais inadequados.

Segundo a Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais, a solução para a questão de resíduos sólidos já é amplamente conhecida. Entre as principais estão: a eliminação de lixões, a implantação de aterros sanitários, a efetivação dos sistemas de coleta seletiva, o estabelecimento de sistemas de logística reversa. E a negligência dos responsáveis leva a natureza a responder com a proliferação de mosquitos como *Aedes Aegypti*, vetor do vírus da dengue, Chikungunya e Zika. Os milhões de pessoas infectadas e o país veem-se atônitos ante o surgimento de uma geração de crianças com microcefalia. A resposta é o aumento da demanda sobre o sistema público hospitalar, cujo atendimento é incapaz de garantir saúde aos que dele necessitam.

Um adequado saneamento de sistema de drenagem de águas pluviais também é essencial para a eliminação da presença de águas estagnadas e lamaçais, focos de doenças e poluição de rios e lagos.

Pois bem, as igrejas que integram o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil e outras tantas pessoas de boa vontade, além da Aliança de Batistas do Brasil, do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular, da Visão Mundial Brasil, e da Misereor, movidos pela mesma boa vontade ecumênica e unindo esforços, assumem essa Campanha da Fraternidade com o objetivo principal, como foi já lembrado e quero

frisar novamente, de assegurar o direito ao saneamento básico a todas as pessoas, e de empenharam-se, à luz da fé, em políticas públicas e atitudes responsáveis que garantam a integridade e o futuro de nossa Casa Comum.

Com isso, então, colocamo-nos, de acordo com a Encíclica, também comentada aqui, em que o Papa manifesta a sua preocupação com a Casa Comum, e de acordo com a peregrinação por justiça e paz do Conselho Mundial das Igrejas e com a convocação pela Organização das Nações Unidas, para que as religiões colaborem para a promoção das mudanças de valores, no que diz respeito ao meio ambiente.

O que nos une, então, é a preocupação e o cuidado com a nossa Casa Comum, o mundo onde vivemos e a luta pela justiça.

Eu tinha incluído para repercutir aqui o que o pastor Inácio já lembrou, aquela declaração de fevereiro deste ano, em Brasília, das entidades que estão à frente dessa Campanha. Então, eu me dispensei de citá-la novamente e libero vocês de terem que ouvi-la mais de uma vez.

Para terminar, resta-me fazer um apelo a todas as pessoas de boa vontade, nesta Casa, hoje, e de modo especial, aos srs. deputados e a todos os nossos governantes, para que nos ajudem, precisamente no âmbito de suas competências, a tornar o saneamento uma realidade para que o direito brote como fonte e a justiça corra como o riacho que não seca.

Agradeço à Assembleia Legislativa de Santa Catarina, na pessoa do deputado Padre Pedro Baldissera; a todas as pessoas que contribuíram para a realização deste evento; e a cada um e cada uma que se fizeram aqui presentes.

Muito obrigado e boa-noite!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Muito obrigado, presidente da CNBB - Regional Sul 4, dom João Francisco Salm, pela sua manifestação nesta Casa, na noite de hoje.

Ao encerrar, gostaria de agradecer, de coração, a presença de cada um e de cada uma de

vocês, das nossas pastorais, dos movimentos, dos padres, pastores e irmãs, dos estudantes de Teologia e de outros cursos. Meus agradecimentos também à coordenação.

Agradeço aos integrantes da nossa mesa: presidente da CNBB, Regional Sul 4, João Francisco Salm; o nosso arcebispo dom Wilson Tadeu Jönck; a nossa pastora, prefeita e coordenadora da Fecam, Sisi Blind; o pastor Inácio Lemke; e o nosso professor da Universidade Federal de Santa Catarina, hoje aposentado, Daniel José da Silva.

É muito bom contar com a presença de todos nesta noite em que este Poder Legislativo fez a sua atividade de divulgação, contribuindo também com todo esse trabalho das Igrejas, tratando do tema da Campanha da Fraternidade deste ano: Casa Comum, nossa Responsabilidade.

Muito obrigado pela presença de vocês e que Deus nos abençoe, nos ilumine e nos fortifique nessa nossa bonita e importante missão e caminhada. E, principalmente, diante dos grandes desafios que essa Campanha da Fraternidade está colocando a cada um e a cada uma de nós, como cidadãos e cidadãs.

Neste momento, teremos a execução do Hino de Santa Catarina.

(Procede-se à execução do hino.)

Gostaria que todos nós, juntos, fizéssemos a oração ecumênica da Campanha da Fraternidade deste ano, conforme exposta na tela.

Na sequência, o grupo da paróquia Nossa Senhora da Boa Viagem, do Saco dos Limões, em Florianópolis, irá nos brindar com o canto Adoração.

(Procede-se à oração e ao canto.)

Esta Presidência encerra a presente sessão, convocando outra, ordinária, para amanhã, à hora regimental, com a seguinte Ordem do Dia: matérias em condições regimentais de serem apreciadas pelo Plenário.

Está encerrada a presente sessão.